

Uma Nova Agenda Econômica e Social  
para a América Latina



**Transição demográfica e desenvolvimento  
na América Latina**

Rudi Rocha

2008

Este trabalho foi escrito entre 2007 e 2008 como contribuição ao projeto *Uma Nova Agenda Econômica e Social para a América Latina*, realizado pelo iFHC – Instituto Fernando Henrique Cardoso e pela CIEPLAN – Corporación de Estudios para Latinoamérica. O projeto foi realizado graças ao apoio da AECI – Agencia Española de Cooperación Internacional, BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento e PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. As informações e opiniões apresentadas pelos autores são de sua responsabilidade pessoal e não representam necessariamente nem comprometem as instituições associadas ao projeto.

**Coordenadores do projeto:** Simon Schwartzman e Ignacio Walker.

**Equipe Executiva:** Sergio Fausto, Patricio Meller, Simon Schwartzman e Ignacio Walker.

Copyright ©: iFHC/CIEPLAN. 2008. São Paulo, Brasil, e Santiago de Chile.

O texto, em parte ou em sua totalidade, pode ser reproduzido para fins não comerciais dentro dos termos da licença de Creative Commons 3.0

<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.pt>



# Transição Demográfica e Desenvolvimento na América Latina

Rudi Rocha

## 1. Introdução

As discussões sobre demografia no mundo por muito tempo restringiram-se a questões relacionadas ao crescimento populacional e ao controle da natalidade. Neste sentido, a relevância do tema para o estudo do desenvolvimento e dos agregados econômicos passou pela centralidade da teoria malthusiana ao longo do século XIX, à periferia da literatura econômica em grande parte do século XX. Recentemente o tema foi reaberto sob novos paradigmas, apresentando ao mundo um desafio menos relacionado ao tamanho da população em termos absolutos e seu crescimento, e mais centrado na evolução de sua composição etária.

Esta mudança de foco, principalmente na literatura econômica, pode ser associada a duas percepções distintas. Em primeiro lugar, ao fato de que a população mundial surpreendentemente não tem crescido como os demógrafos previam<sup>1</sup>. Muitos dos países desenvolvidos encontram-se há anos com níveis de fecundidade abaixo do nível de reposição, o que parece consolidar-se em uma trajetória não conjuntural, mas estrutural. Por outro lado, já nos países em desenvolvimento houve um rápido declínio das taxas de fecundidade, particularmente célere naqueles com grandes contingentes populacionais, como é o caso da China e do próprio Brasil<sup>2</sup>.

Em segundo lugar, o envelhecimento da população em curso não apenas é influenciado pelo nível de desenvolvimento dos países, como também o parece influenciar. Nesse sentido, a literatura econômica sobre o ciclo de vida nos ajuda a compreender o porquê desta influência e da preocupação relacionada à composição etária das populações. Existem evidências empíricas de que um grande número de variáveis sócio-econômicas centrais à questão do desenvolvimento apresenta processos temporalmente associados à

---

<sup>1</sup> Burki (2003).

<sup>2</sup> Carvalho (2001). Segundo o autor, atualmente, 44% da população mundial já vive em 51 países com taxas de fecundidade total abaixo do nível de reposição; de acordo com as projeções da Divisão de População das Nações Unidas, em 2015 serão 88 países nessa situação, que responderão por 67% da população mundial (Carvalho, 2001; p.8).

idade média de grupos populacionais<sup>3</sup>. As necessidades de consumo das crianças e dos idosos ultrapassam a capacidade destes de produzirem riquezas, ao contrário do que ocorre com grupos etários intermediários. A composição etária da população e as características comportamentais e físicas particulares a cada grupo etário relacionam-se também a temas como a quantidade e qualidade de recursos que devem ser direcionados a políticas educacionais e de saúde, ao mercado de trabalho, à desigualdade de renda, à criminalidade e, de forma central, à questão da previdência e da seguridade social.

Nesta nova perspectiva, a posição que os países latino-americanos ocupam no panorama demográfico existente hoje no mundo chama particular atenção. Nos países mais jovens, de idade média até 20 anos, como grande parte do continente africano, cerca de metade da população faz parte da faixa etária até 14 anos de idade, enquanto apenas uma pequena parcela situa-se na faixa acima dos 64 anos. Nos países cuja população tem idade média mais avançada, por exemplo, acima dos 30 anos, como na Europa Ocidental ou América do Norte, a porcentagem de crianças representa menos de 20% do total, enquanto que os idosos compõem uma faixa etária com peso cada vez maior<sup>4</sup>. A idade média nos países latino-americanos situava-se em 2005 em 24,4 anos - sendo 22,3 na América Central, excluindo-se o México, e 25,7 anos na América do Sul, considerando-se o México. Em 2020 a previsão para este número está em 28,9 anos - respectivamente 25,7 e 30,2<sup>5</sup>.

Em última instância, a posição de um país em um determinado espectro de padrões demográficos é funcionalmente relacionada ao estágio em que se encontra sua transição demográfica, fenômeno este tipicamente marcado pela aceleração e posterior desaceleração do crescimento populacional em virtude de variações relativamente pré-convencionadas nas taxas de fecundidade e mortalidade da população. Neste contexto, o atual momento, em vários dos países latino-americanos, é estruturalmente marcado pelo declínio continuado nas taxas de fecundidade e pelo início de um processo demográfico em direção à queda cada vez mais forte na frequência de crianças na estrutura etária populacional e ao aumento da frequência de pessoas com idades em pico de produtividade e propensão a poupar. Esta perspectiva é marcada também pela ainda relativamente baixa frequência de

---

<sup>3</sup> Behrman, Duryea e Székely (1999).

<sup>4</sup> BID (2000; Capítulo 1).

<sup>5</sup> Fonte de dados em UNPD (2005) - *United Nations World Population Prospects: the 2004 Revision Population Database*.

pessoas em idade de se aposentar ou já aposentadas. A transição demográfica na América Latina, portanto, parece entrar em uma fase em que alguns de seus efeitos mais fortes sobre a estrutura etária da população começam a ser não apenas percebidos, como também muito favoráveis.

Neste sentido, o estágio da transição demográfica que se abre neste momento a muitos dos países latino-americanos – como ocorreu ao longo de décadas, ou mesmo séculos, nos países hoje desenvolvidos, e pelo qual passou recente e rapidamente os países do leste asiático – oferece claramente, oportunidades para a intensificação do desenvolvimento na região, assim como sérias ameaças, caso o mesmo não se consolide em determinado espaço de tempo.

Com base em recentes publicações sobre o tema da transição demográfica na América Latina e acionando a base de dados da UNPD (2005), a finalidade deste ensaio consiste em detalhar o panorama populacional da região no contexto mundial, descrever as diferenças que existem entre seus países componentes e, não menos importante, identificar as oportunidades e ameaças que permeiam a complexa interação entre desenvolvimento e demografia, particularmente, no cenário latino-americano presente e futuro.

## **2. Um Panorama Demográfico do Mundo**

A primeira Conferência Mundial de População da ONU, ocorrida no ano de 1954, em Roma, foi uma demonstração da importância que os estudos populacionais naquele momento assumiam. As preocupações conformavam-se pela possibilidade de que o forte crescimento populacional, principalmente nos países denominados subdesenvolvidos, viesse a obstar o progresso econômico e social mundial<sup>6</sup>.

Em 1950 havia no mundo 2,5 bilhões de pessoas, um número 55% maior do que aquele que iniciara o século. A taxa média de crescimento populacional aumentou rapidamente ao longo de quase todo o século XX, atingindo o pico de 2% ao ano no

---

<sup>6</sup> Berquó (1999; pp.72-73).

qüinqüênio 1965-70, puxada, principalmente, pelos países africanos (2,6%) e asiáticos (2,42). A taxa de fertilidade situava-se em média, em 5 crianças por mulher.

De 1950 a 2005, não apenas os indicadores de crescimento populacional mudaram drasticamente em termos absolutos, como também se verificaram mudanças em suas tendências. A realidade que se apresenta atualmente é bastante diferente daquela que a maioria das previsões demográficas considerava deterministicamente predefinida<sup>7</sup>. A população mundial de fato cresceu rapidamente, passando a 6,5 bilhões de pessoas em 2005. No entanto, a taxa de fecundidade caiu pela metade e a taxa de crescimento populacional tem convergido em direção à média de 1% ao ano.

Segundo projeções, a população mundial atingirá seu tamanho máximo em 2070, com aproximadamente 9 bilhões de pessoas, chegando ao final do século com apenas 8,4 bilhões<sup>8</sup>. A partir de 2015 a taxa média de crescimento populacional chegaria a menos de 1% e, após 2045, seria inferior a 0,5%<sup>9</sup>.

A explicação para a desaceleração do crescimento populacional no mundo reside na forte queda das taxas de fecundidade, particularmente, nos países em desenvolvimento. Nestes, a média de crianças por mulher chegava a 6,17 em 1950 - número que agora se situa em torno de 2,90 e que tende a cair para 2,07 em 2050<sup>10</sup>.

---

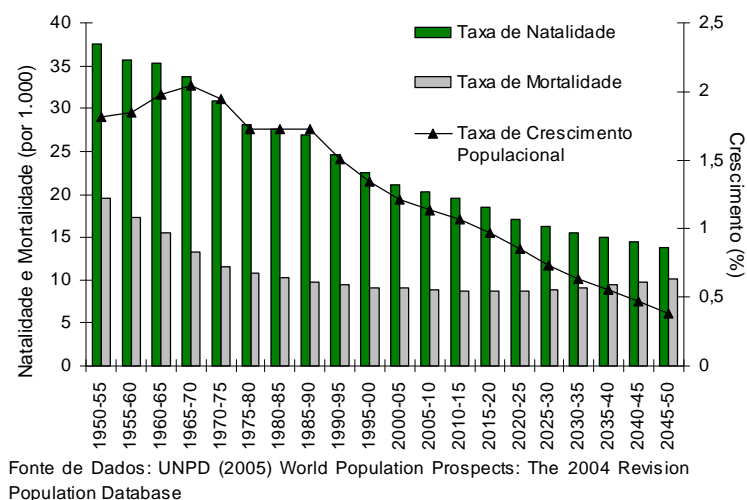
<sup>7</sup> Carvalho (2001; p.2).

<sup>8</sup> Carvalho (2001), quando menciona projeções do IIASA (International Institute for Applied Systems Analysis), dentre outras projeções que apontam estimativas semelhantes.

<sup>9</sup> Segundo dados do UNPD.

<sup>10</sup> Se, por um lado, é inequívoca a queda da fecundidade como explicação estatística para a desaceleração do crescimento mundial, por outro, parece ainda não existir uma teoria demográfica fundamentando tal fenômeno. Para Berquó (1999; p.80), a “*tentativa de associar o processo de evolução da fecundidade no Terceiro Mundo a um estilo ocidental de modernização socioeconômica marcou o campo (da demografia) durante alguns anos...*”. No entanto, a autora prossegue afirmando que esta interpretação fracassou e que novas leituras do fenômeno que acionam contornos culturais, antropológicos ou históricos podem também fracassar, na medida em que “*o longo afastamento do campo da demografia em relação aos estudos de outras áreas e o pouco trato com a teoria social geral restringiram o alcance da disciplina*”.

## Trajetórias das Taxas Médias de Natalidade, Mortalidade e de Crescimento Populacional no Mundo (1950-2050)



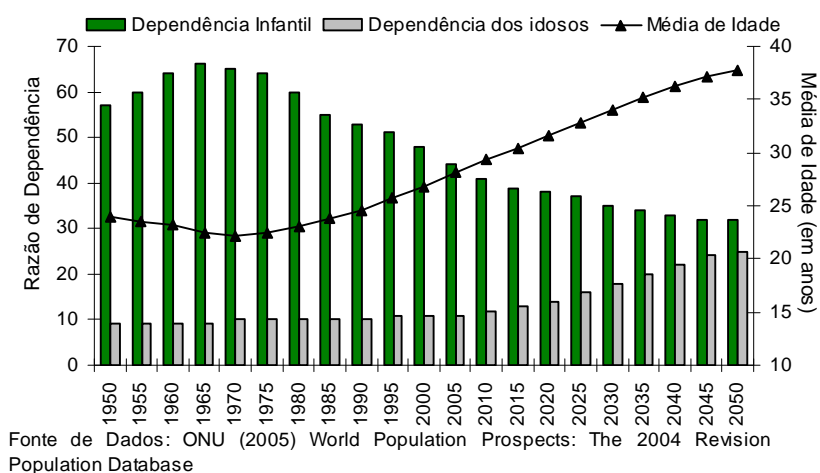
A queda nas taxas de fecundidade, por sua vez, tem como conseqüência inevitável a mudança na composição etária e o envelhecimento da população. Segundo Carvalho (2001; p.8), “o processo de envelhecimento populacional, até duas décadas atrás considerado – principalmente nas sociedades do Terceiro Mundo, inclusive por seus demógrafos e cientistas sociais – um fenômeno um tanto quanto exótico, próprio dos países desenvolvidos, hoje atinge rapidamente boa parte do resto da população mundial”.

Em 1950 a idade média da população mundial era de 23,9 anos. No mundo, havia aproximadamente 57 crianças (0 a 14 anos) e 9 idosos (acima de 64 anos) para cada 100 pessoas com idade entre 15 e 64 anos. Hoje, a idade média da população aumentou e situa-se em 28,1 anos, enquanto que o número de crianças por 100 adultos está em 44 e, o de idosos, em 11.

O gráfico a seguir ilustra a trajetória ascendente da média de idade da população mundial e a previsão deste indicador superar 35 anos até 2040. Verificam-se também as tendências para as razões de dependência dos mais jovens (razão entre o número de crianças com idade entre 0 a 14 anos e o número de pessoas com idades entre 15-64 anos) e dos mais idosos (razão entre o número de pessoas com idades superiores a 64 anos e daquelas com idade entre 15 e 64 anos). Na medida em que a fecundidade cai e a população envelhece, a freqüência de crianças também tende a cair e, a de idosos, a

aumentar - o que implica diretamente em uma razão de dependência infantil em queda e dos idosos em expansão.

Trajetória Mundial da Média de Idade e Razões de Dependência  
(1950-2050)



Em síntese, a dinâmica demográfica mundial aponta para um ritmo de crescimento populacional decrescente, reflexo direto de taxas de fecundidade cada vez menores. Por conseqüência, existe um movimento estrutural da composição etária em direção ao envelhecimento populacional, aumento da razão de dependência dos mais idosos e queda no caso dos mais jovens.

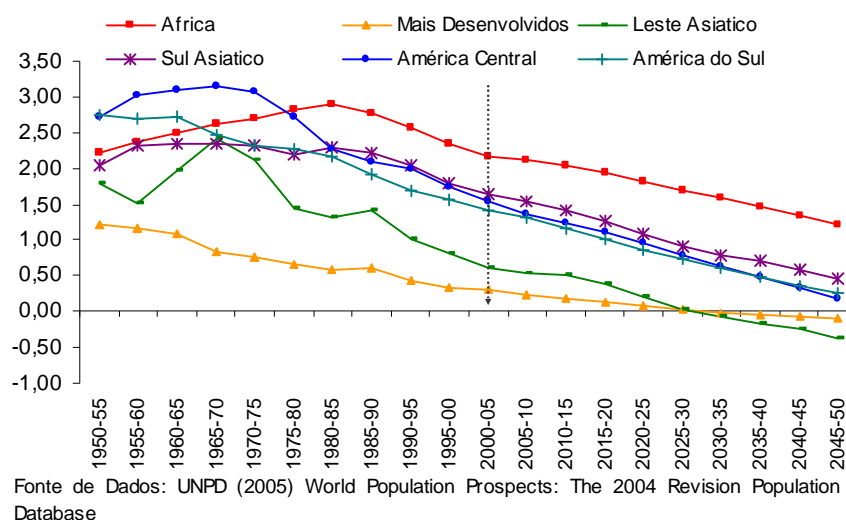
### 3. Indicadores Demográficos e a Posição Latino-americana em uma Análise Comparativa Internacional

Subjacente aos indicadores demográficos agregados apresentados anteriormente, existe atualmente um mosaico bastante amplo de dinâmicas populacionais particulares a cada país ou conjunto de países – em especial, em meio aos países agora denominados em desenvolvimento. Se antes os estudos demográficos partiam frequentemente de uma visão um tanto esquemática e maniqueísta da divisão do mundo em dois grandes grupos de países<sup>11</sup>, hoje está claro que a sistematização de uma tipologia analítica é mais complexa.

<sup>11</sup> Desenvolvidos e subdesenvolvidos – referência em Carvalho (2001).

Países e grupos de países têm apresentado trajetórias demográficas muito distintas, não apenas em relação a variáveis unidimensionais, como é o caso da taxa de crescimento da população, como também, com respeito à composição etária populacional. É neste contexto que se completa nesta seção um breve panorama demográfico do mundo e que se identifica a posição relativa da América Latina em meio às demais experiências internacionais. Para tanto, inicialmente, apresenta-se no próximo gráfico a trajetória das taxas de crescimento populacional, para grupos de países selecionados<sup>12</sup>, ao longo do período 1950-2050.

Taxas de Crescimento Populacional em uma Análise Comparativa Internacional (em %, 1950-2050)

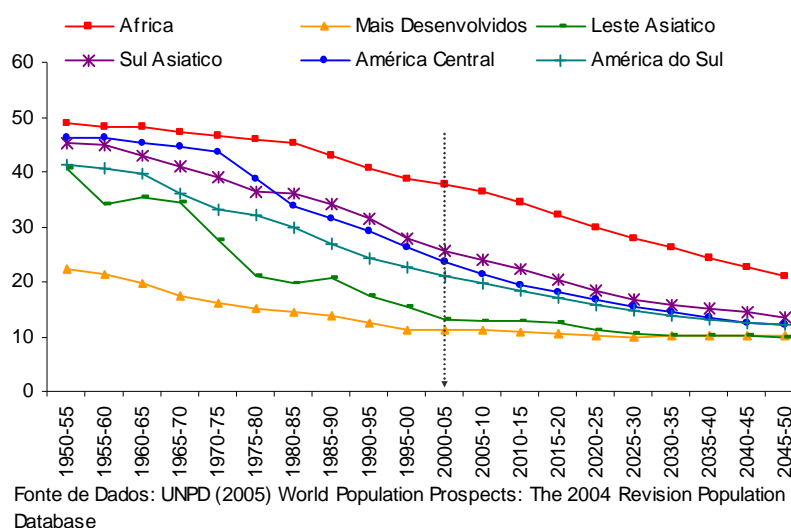


Até meados dos anos 1970s existia certa homogeneidade no grupo de países denominados por subdesenvolvidos com respeito ao nível do ritmo de crescimento da população – representados, neste caso, pela África, Ásia e América Latina. Nestas regiões a taxa de crescimento populacional situava-se, em média, em patamares superiores a 2% ao ano, contra taxas inferiores a 1% nos países desenvolvidos. A partir de então, seguindo a tendência quase generalizada de queda célere nas taxas de fecundidade, embora em intensidades diferentes, abriram-se dinâmicas populacionais distintas no cenário mundial.

<sup>12</sup> Países Desenvolvidos, da América do Sul e América Central, do Sul Asiático, do Leste Asiático e da África. Esta seleção respeitou a classificação da UNPD (2005) e inclui 90% da população mundial.

Enquanto que entre os países africanos o crescimento populacional aumenta até atingir um pico de quase 3% no quinquênio 1980-85, pouco cedendo posteriormente, nos países do Leste Asiático ocorre uma forte convergência rumo à tendência observada nos países desenvolvidos. Os países da América Latina e do Sul Asiático (o que inclui Índia, Paquistão, Bangladesh, Iran, dentre outros) apresentam trajetórias semelhantes de queda nas taxas de crescimento populacional, embora em ritmos menores do que o observado na região do Leste Asiático.

Taxas de Natalidade em uma Análise Comparativa Internacional  
(em nascimentos por 1.000 pessoas, 1950-2050)



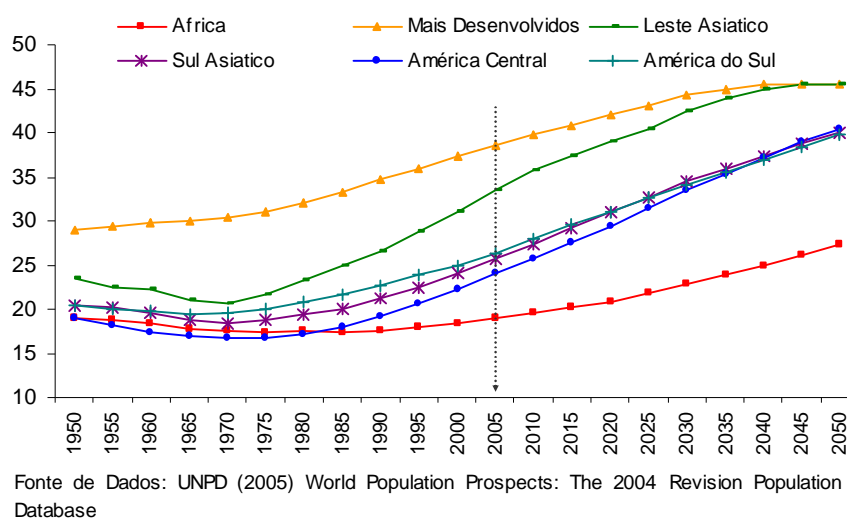
Para os próximos 50 anos prevê-se na América Latina a continuação das trajetórias de queda nas taxas de natalidade e fecundidade e de leve aumento nas taxas de mortalidade, o que levará os países da região a um ritmo de crescimento populacional cada vez menor. Neste sentido, para o quinquênio 2045-50, espera-se um cenário onde os países desenvolvidos e do Leste Asiático apresentarão taxas de decréscimo populacional, pequeno crescimento na América Latina e Sul Asiático e taxas ainda superiores a 1,2% ao ano nos países africanos.

Em relação à composição etária das populações, a mesma tipologia descrita acima é válida. Até 1970 verificavam-se nos países subdesenvolvidos médias de idade em torno ou inferiores a 20 anos, enquanto que nos países desenvolvidos este indicador já atingia mais de 30 anos. Com o passar do tempo, observou-se a rápida convergência dos países do Leste

Asiático em direção a idades médias mais avançadas alcançadas pelos países desenvolvidos, onde este indicador atingiu 38,6 anos em 2005, sendo 45,5 anos o número projetado para 2050.

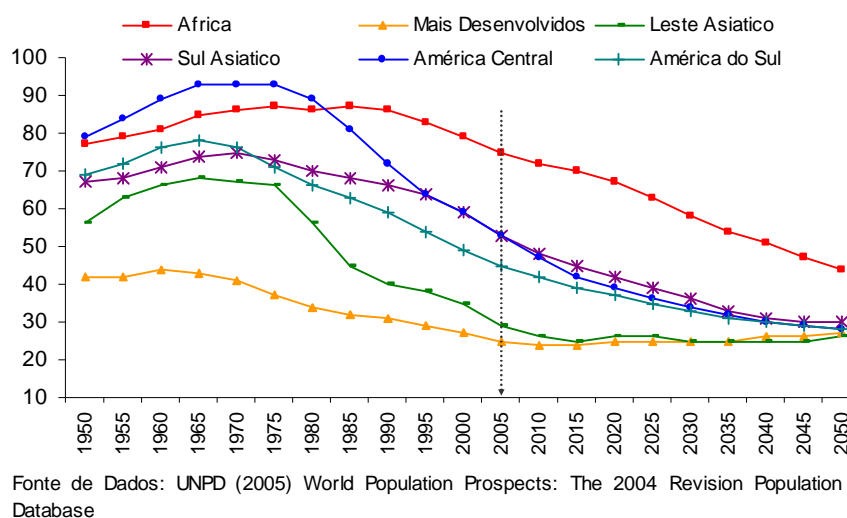
No grupo dos países da América Latina e Sul Asiático a média de idade da população tem crescido rapidamente, embora em velocidade menor do que a observada nos países do Leste Asiático nas últimas décadas. As duas regiões atualmente registram médias em torno de 26 anos, projetando-se, para 2050, aproximadamente 40 anos. Para o caso dos países africanos, a idade média da população ainda se encontra em um patamar inferior a 20 anos, prevendo-se lento crescimento deste indicador até 2050, quando alcançará 27,4 anos.

Evolução da Média de Idade em uma Análise Comparativa Internacional  
(em anos, 1950-2050)



A descrição das tendências nos indicadores demográficos dos grupos de países selecionados rumo ao envelhecimento populacional completa-se com a análise dos indicadores de razão de dependência. Em primeiro lugar destaca-se a relação entre o número de crianças com idades até 14 anos e o número de pessoas com idades entre 14 e 64 anos – ou seja, o número de crianças para cada 100 adultos em idade produtiva. De maneira imediata, nos países jovens a razão de dependência das crianças costuma ser relativamente mais alta do que em países com médias de idade mais avançadas. Com a queda nas taxas de fecundidade e conseqüente envelhecimento populacional, este indicador tende a diminuir. O próximo gráfico traz a evolução da razão de dependência infantil, para grupos de países selecionados, ao longo do período entre 1950-2050.

## Evolução da Razão de Dependência Infantil em uma Análise Comparativa Internacional (em crianças por adultos, 1950-2050)

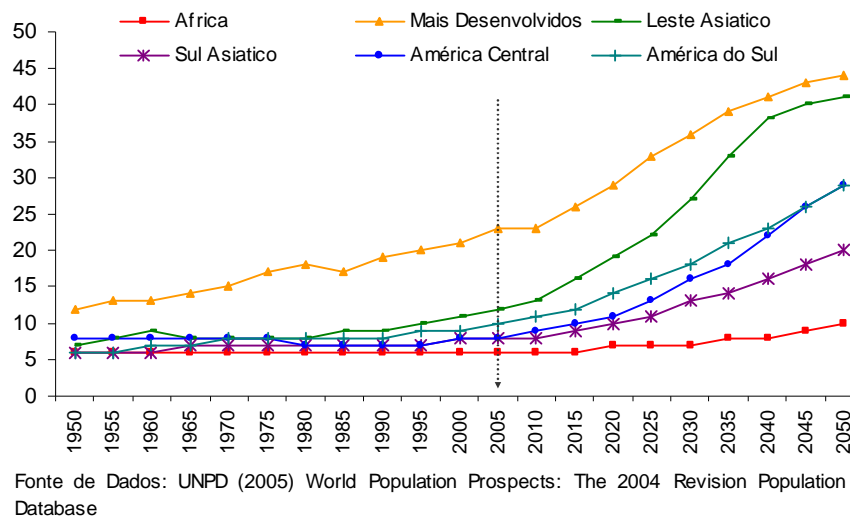


Em meados do século passado, no grupo de países denominados por subdesenvolvidos, havia em média mais de 60 crianças para cada 100 pessoas em idade adulta. Na América Central e África este indicador chegou a superar a marca de 80 crianças. Enquanto isso, no grupo dos países desenvolvidos, esta relação situava-se em apenas 40.

Ao longo das últimas décadas, contudo, ocorreu uma queda generalizada do indicador de dependência infantil, particularmente nos países subdesenvolvidos. Em 30 anos o Leste Asiático observou a diminuição deste indicador em mais de 50%. Na América Latina, tal redução não foi tão rápida, porém, assumiu um ritmo mais forte do que nos demais grupos de países analisados, excluindo-se a região do Leste Asiático. Com exceção da África, espera-se nas próximas décadas uma convergência mundial da razão de dependência infantil em direção a patamares em torno de 30 crianças por adulto.

Em contraponto à diminuição do número de crianças por adultos, outra consequência imediata do envelhecimento populacional consiste no aumento da razão de dependência dos idosos, que expressa a relação entre o número de pessoas com idade acima de 64 anos e o número daquelas com idade entre 15 e 64 anos. O próximo gráfico traz a evolução deste indicador para os grupos de países analisados, ao longo do período entre 1950-2050.

## Evolução da Razão de Dependência dos Idosos em uma Análise Comparativa Internacional (em idosos por adultos, 1950-2050)



Observa-se claramente na figura acima que, até recentemente, havia diferenças muito pequenas com respeito à razão de dependência dos mais idosos entre os países da Ásia, América Latina e África. Nestas regiões, até os anos 1990s, existia a média de 6 a 9 idosos para cada 100 pessoas com idades entre 15 e 64 anos – quase metade da razão de dependência encontrada nos países mais desenvolvidos, que ao longo da segunda metade do século passado apresentaram as maiores taxas de crescimento da proporção de idosos no conjunto de suas populações em idade adulta.

Não obstante a tendência em comum ao longo de décadas, o comportamento das razões de dependência dos idosos nas regiões pouco desenvolvidas ou em desenvolvimento começaram a diferenciar-se recentemente, embora ainda hoje se situem em média relativamente baixa, entre 8 e 12 idosos para cada 100 adultos – destacando-se como exceção os países africanos.

As projeções à frente mostram que nos países desenvolvidos e, mais especificamente, na região do Leste Asiático, a frequência relativa de pessoas mais idosas na população total deverá aumentar a taxas crescentes. Nestes países, para o ano de 2040 prevêem-se razões de dependência dos idosos em torno de duas vezes superiores às dos países latino-americanos ou cinco vezes maiores do que as que serão observadas na África.

A depender do ponto de partida e das tendências passadas ou previstas dos indicadores populacionais, países ou grupos de países distintos situam-se atualmente, assim como estarão situados nas próximas décadas, em posições diferentes no espectro de padrões demográficos existentes no mundo. Neste contexto, a América Latina assume uma posição que se pode dizer intermediária em relação às dinâmicas demográficas em curso nas demais regiões. Por um lado, verificam-se nos países menos desenvolvidos, como tipificado pelos africanos, taxas de crescimento superiores àquelas encontradas na América Latina, assim como médias de idade inferiores. Se considerarmos os países mais desenvolvidos e os do Leste Asiático, por outro lado, ocorre o contrário. Trajetórias relativamente semelhantes às da região latino-americana são encontradas no Sul Asiático. Esta constatação não é válida apenas para um ponto no tempo ou, mais precisamente, para o momento atual em que vivemos, mas também para as tendências observadas ao longo das últimas décadas e para as projeções à frente.

Deve-se destacar que esta tipologia é limitada, contudo, pela delimitação das regiões analisadas ou mesmo pela grande heterogeneidade encontrada dentro de cada grupo de países. Não obstante este viés analítico, foi possível ao longo desta seção observar a dinâmica demográfica recente e prevista na América Latina em uma perspectiva comparada a outras experiências internacionais.

A partir de agora o objetivo deste estudo estará em detalhar a discussão sobre a transição demográfica na América Latina, deslocando as atenções de uma contextualização relativizada, comparativa e descritiva em direção a uma análise mais qualitativa do tema. Neste sentido, procuram-se apresentar questões tais como os determinantes e a velocidade da transição demográfica na região, os seus pontos de inflexão e a delimitação de suas fases.

#### **4. Transição Demográfica na América Latina e a Janela de Oportunidades**

A trajetória de forte crescimento populacional no mundo que tanto preocupava os demógrafos até poucas décadas atrás tem ganho contornos cada vez mais bem delineados rumo à estabilização do tamanho da população, não apenas como ocorre atualmente nos países mais desenvolvidos, como também em breve prevista a consolidar-se nos países em

desenvolvimento. Este movimento de aceleração e desaceleração do crescimento populacional é conceitualmente substanciado pela idéia de transição demográfica.

Uma transição demográfica típica é acionada inicialmente por uma forte queda nas taxas de mortalidade em virtude de avanços nas áreas de saúde pública e na diminuição da mortalidade infantil. Neste ponto, mantendo-se temporariamente um diferencial entre mortalidade em queda e fecundidade estável, ocorre um aumento nas taxas de crescimento populacional. Em um segundo momento, na medida em que os determinantes da depreciação nas taxas de fecundidade avançam, ocorre a retração daquele diferencial e as taxas de crescimento populacional diminuem. Por final, o momento em que a transição demográfica entra em sua fase mais avançada corresponde a taxas muito baixas de fecundidade e índices de mortalidade em ascensão, determinado pelo crescente contingente populacional de idosos – podendo implicar no decréscimo do tamanho da população.

Complementarmente às variações no estoque do total da população, a transição demográfica altera a composição etária e a estrutura populacional. No estágio inicial da transição ocorre um rápido aumento da freqüência de crianças e jovens no total da população e da razão de dependência deste grupo etário em relação às pessoas em idade produtiva. Neste momento a razão de dependência dos mais idosos encontra-se em um patamar apenas marginal. Na medida em que a transição demográfica avança e a população envelhece, contudo, as duas curvas de dependência tendem a se cruzar, quando o número de idosos por adulto produtivo ultrapassa aquele correspondente aos mais jovens. Neste ínterim, dado que a curva de dependência infantil decai mais rapidamente do que a de idosos se expande, projeta-se uma trajetória em “U” da curva de razão de dependência total da população (número de crianças e idosos por adultos em idade produtiva). O ponto mínimo desta curva é associado então à idéia de janela de oportunidade, ou seja, um momento em que a proporção de pessoas capazes de produzir riquezas é máxima em relação à parcela da população que, em princípio, não participa da produção.

Se o que move a transição demográfica são fundamentalmente as taxas de fecundidade e mortalidade, sua velocidade e extensão dependem de maneira imediata da dinâmica própria e da interação entre estes dois parâmetros populacionais.

Quedas céleres nas taxas de mortalidade surgiram da evolução das técnicas e descobertas da medicina ainda na primeira metade do século passado, assim como do próprio progresso nas áreas de saúde pública, saneamento básico e educação. Estes avanços caminharam paralelamente ao que ficou conhecido como transição epidemiológica, termo este utilizado para a caracterização das regulares transformações ocorridas nos determinantes da morbidade e de sua composição<sup>13</sup>. Neste sentido, não apenas houve queda nas taxas de mortalidade ao longo do século passado, como também ocorreu uma alteração na composição da morbidade, verificando-se avanço na frequência de doenças crônicas e degenerativas em detrimento às mortes causadas por pandemias ou doenças infecciosas.

No cenário mundial, contudo, as diferenças encontradas nos ritmos da transição demográfica dos países têm sido determinadas mais por diferenças nas taxas de fecundidade do que nas tendências da mortalidade. No quinquênio 2000-2005, quando considerados os grupos de países analisados na seção anterior, por exemplo, enquanto que o diferencial entre os indicadores de mortalidade alcançava uma amplitude de 5 a 15 óbitos ao ano para cada 1.000 pessoas (América Latina e África, respectivamente), o diferencial de natalidade ampliava-se de 11 a 37 nascimentos ao ano para cada 1.000 pessoas (respectivamente, países desenvolvidos e África).

Há esforços no sentido de se firmarem os determinantes da queda nas taxas de natalidade e fecundidade ao longo das últimas décadas, particularmente, nos países em desenvolvimento, onde a tendência de queda foi mais acentuada. Embora não pareça existir consolidada uma teoria sócio-culturalmente fundamentada para a explicação do fenômeno<sup>14</sup>, análises empíricas de decomposição baseadas em regressões usando efeitos aleatórios apontam como determinantes os avanços nos indicadores básicos de saúde e educação – 45% da queda em nível mundial sendo explicados pela melhoria nos indicadores de saúde e 35% por avanços na escolaridade das mulheres<sup>15</sup>. Não obstante estes números, acredita-se que parcela considerável da queda nas taxas de fecundidade

---

<sup>13</sup> A principal referência para o tema da transição epidemiológica é Omran (1971). Ver também Salomon e Murray (2002), Preston (1976), Bulatao (1993) e Larrieu e Levine (1999).

<sup>14</sup> Ver Berquó (1999).

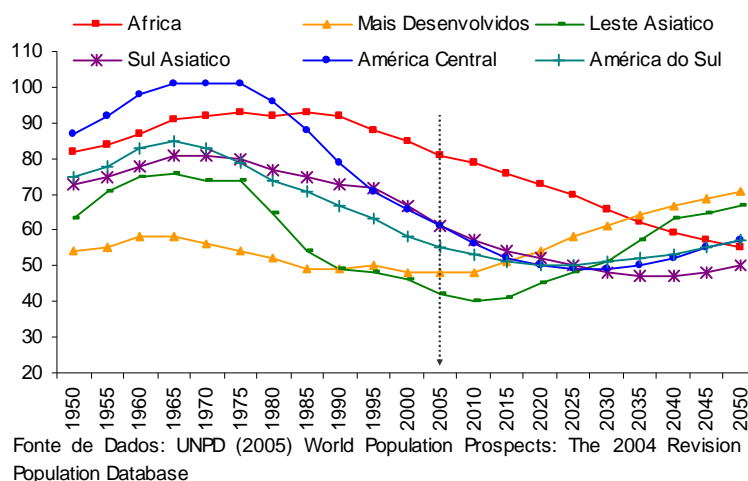
<sup>15</sup> Ver Behrman, Duryea e Székely (1999a). Estas proporções variam em cada região. No Leste Asiático, o peso da escolaridade é bastante alto, enquanto que na África, avanços nos indicadores de saúde têm poder maior de explicação.

pode ser creditada aos avanços tanto tecnológicos como na legalização de métodos contraceptivos<sup>16</sup>.

A América Latina encontra-se em um momento particularmente positivo em seu processo de transição demográfica. Ao longo de todo o século passado, os indicadores de dependência total da região estiveram muito acima daqueles encontrados nos países desenvolvidos e do Leste Asiático – que em menos de 25 anos observaram uma queda superior a 40% na razão de dependência total, a mais rápida já verificada na história. A posição latino-americana mais alta baseava-se, sobretudo, em uma proporção grande de crianças na composição etária da população.

O estágio da transição demográfica em que a América Latina se encontra agora é de aproximação do ponto mínimo da curva de razão de dependência total, quando a dependência infantil haverá caído consideravelmente e a proporção de idosos no conjunto da população ainda será baixa. Seguindo o ritmo atual da transição, em poucos anos a curva de dependência total latino-americana cruzará, pela primeira vez, as curvas dos grupos de países desenvolvidos e do Leste Asiático.

#### Evolução da Razão de Dependência Total em uma Análise Comparativa Internacional (em número de crianças e idosos por cada 100 adultos, 1950-2050)



A razão de dependência total na América Latina atingirá seu ponto mínimo entre 2020 e 2030, onde haverá, ao início deste período, aproximadamente 10 idosos e 40

<sup>16</sup> Ver Bongaarts e Bulatao (1999) e Behrman, Duryea e Székely (1999a).

crianças para cada 100 adultos em idade produtiva e, ao final, 20 idosos e 30 crianças. Estes indicadores estarão entre os menores do mundo, juntamente com os países do Sul e Leste Asiático e 20% abaixo dos países desenvolvidos. A partir de então, a razão de dependência total tanto no Leste Asiático como nos países desenvolvidos aumentará rapidamente; na América Latina a curva tenderá a retomar lentamente a trajetória ascendente, enquanto que no Sul Asiático este indicador poderá assumir valores abaixo de 50.

A população latino-americana continuará a crescer nas próximas décadas, porém, convergindo à estabilidade. Entre 2025 e 2030 a taxa de fecundidade deverá atingir o nível de reposição (2 crianças por mulher), embora o crescimento populacional ainda prossiga positivo devido à grande frequência de mulheres em idade reprodutiva<sup>17</sup>. A partir de 2010 as taxas de mortalidade começarão a crescer até atingir o nível das decrescentes taxas de natalidade, o que apenas deverá ocorrer após 2050. Neste momento a transição demográfica na América Latina estará completa.

Indicadores Demográficos Seleccionados para a América Latina em Cinco Momentos entre 1950 e 2050<sup>18</sup>

	1950	1975	2005	2025	2050	2050/2005	2005/1950
Faixas de Idade (participação no total em %)							
0-14	39,5	39,6	29,1	23,1	18,1	0,62	0,74
15-64	57	56	64,6	66,5	63,7	0,99	1,13
65 ou +	3,5	4,4	6,3	10,4	18,3	2,90	1,80
80 ou +	0,4	0,5	1,2	2,2	5,2	4,33	3,00
Razão de Dependência	75	79	55	51	57	1,04	0,73
dos mais jovens (0-14)	69	71	45	35	28	0,62	0,65
dos mais idosos (65 ou +)	6	8	10	16	29	2,90	1,67
Média de Idade (anos)	20,5	20,1	26,4	32,6	39,7	1,50	1,29
Fecundidade (crianças/mulher)	5,69	4,65	2,5	2,06	1,86	0,74	0,44
Crescimento Populacional (taxa em %)	2,75	2,32	1,42	0,87	0,26	0,18	0,52

Fonte de Dados: UNPD (2005) World Population Prospects: The 2004 Revision Population Database

<sup>17</sup> Behrman, Duryea e Székely (1999b).

<sup>18</sup> Ainda não considerando os países da América Central.

Entre 2005 e 2050 a participação das crianças (entre 0 e 14 anos) no conjunto da população cairá na América Latina em quase 40%. Considerando a queda deste indicador em 26% entre 1950 e 2005, pode-se imaginar a intensidade das mudanças demográficas que estão por vir na região. De modo ainda mais impressionante, destaca-se o crescimento de quase 3 vezes previsto para a participação das pessoas acima de 64 anos, além do aumento maior que 4 vezes na participação dos idosos com idades superiores a 80 anos. Estes números estão diretamente associados às profundas variações previstas para as razões de dependência.

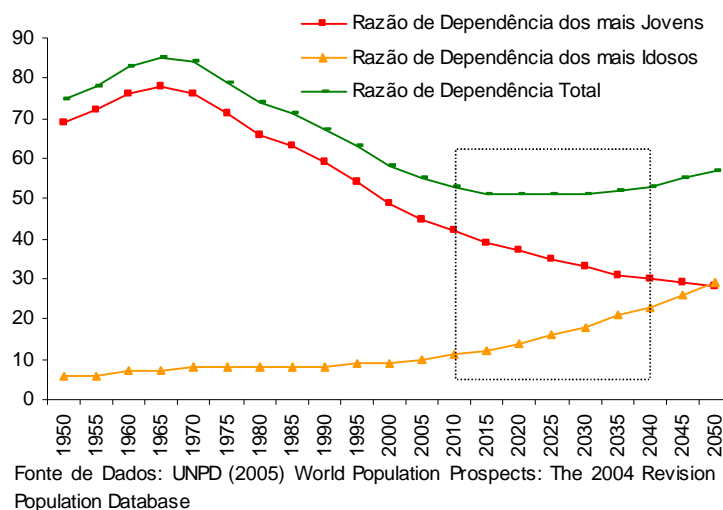
O ritmo da transição demográfica em curso na América Latina é relativamente rápido para padrões históricos. Pode-se dizer que quanto mais acelerado este processo, mais amplas são as oportunidades que se abrem ao desenvolvimento<sup>19</sup>: quanto mais drástica a queda nas taxas de fecundidade frente ao aumento da média de idade populacional, níveis mais baixos a razão de dependência total pode alcançar. No Leste Asiático, a transição demográfica completou-se no espaço entre 50 a 75 anos. Neste exato momento os países desta região atingem o ponto mínimo na razão de dependência total, de aproximadamente 26 crianças e 13 idosos para cada 100 adultos em idade produtiva. O peso destes grupos populacionais, no entanto, aumentará rapidamente nas próximas décadas, atingindo um patamar quase 70% maior em 2050 do que o verificado em 2005.

Por fim, pode-se dizer que na América Latina os indicadores demográficos apontam para o fato de que dentro de poucos anos a composição etária populacional em muitos dos países da região abrirá uma janela de oportunidades ao desenvolvimento, assim como abriu aos países do Leste Asiático ao longo dos últimos anos. O gráfico abaixo serve como ilustração deste momento favorável, em destaque entre 2010 e 2040 - sendo que, mais precisamente, a razão de dependência atingirá seu ponto mínimo entre 2020 e 2030.

---

<sup>19</sup> BID (2000).

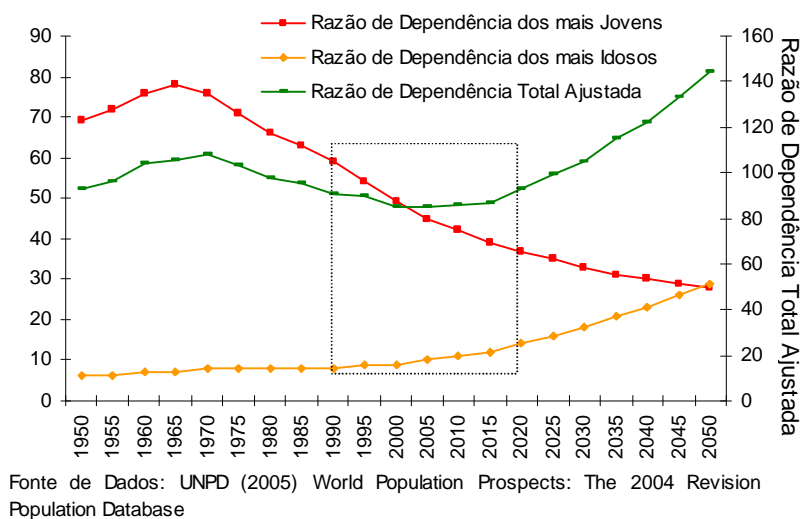
## A Janela Demográfica de Oportunidades na América Latina (1950-2050)



As perspectivas otimistas retratadas na figura acima, contudo, devem ser interpretadas com cautela. Antes de se concluir qualquer prognóstico para os países da região em relação à janela demográfica de oportunidades e aos potenciais benefícios deste fenômeno para o desenvolvimento latino-americano, é necessário levar em consideração uma variação metodológica<sup>20</sup>. Há incursões empíricas sobre o tema que estimam a razão de dependência total concedendo maior peso à razão de dependência dos idosos, sob o argumento de que as necessidades de consumo desta faixa etária são superiores às das dos mais jovens – ou, mais especificamente, que os gastos públicos destinados aos idosos são relativamente mais elevados. Duryea e Székely (1998) sugerem conceder um peso de fator 4 aos mais idosos na ponderação do indicador total. Quando isso é feito, a janela de oportunidades na América Latina desloca-se para o período entre 1990 e 2020, significando que a região já estaria a meio caminho andado rumo ao fim do período demográfico mais favorável.

<sup>20</sup> Incluída em Duryea e Székely (1998).

## A Janela Demográfica de Oportunidades na América Latina com Ajuste na razão de Dependência dos mais Idosos (1950-2050)



### 5. Da Transição Demográfica ao Desenvolvimento na América latina

Até este momento, procurou-se contextualizar o padrão demográfico e a trajetória dos principais indicadores populacionais na América Latina com base no fenômeno da transição demográfica, argumentando-se que, de acordo com as tendências observadas atualmente na estrutura etária da população latino-americana, existiria uma janela de oportunidades ao desenvolvimento da região.

A partir deste ponto, portanto, dada a caracterização do cenário demográfico em que a América Latina se encontra, torna-se necessário complementar a qualificação da ponte que existe entre demografia e desenvolvimento e verificar em que medida e a partir de quais canais de transmissão a região pode ser beneficiada ou ameaçada, tanto pelo curso atual da transição demográfica com por aquele previsto à frente. Esta seção tem como objetivo, portanto, descrever os pontos de contato entre demografia e desenvolvimento e identificar como a América Latina posiciona-se neste contexto.

#### 5.1. Identificação de Impactos Demográficos sobre Variáveis Socioeconômicas

Pode-se dizer que a relação causal unívoca entre desenvolvimento e queda nas taxas de fertilidade e de crescimento populacional é largamente reconhecida. Por outro lado,

estudos recentes enfatizam a existência de uma correspondência entre desenvolvimento e demografia que corre no sentido inverso e transmite-se através da estrutura etária.

Um relatório do Asian Development Bank de 1997 sustenta que a Ásia teria sido *presenteada* pela transição demográfica com algo em torno de 0,5 a 1,3 pontos percentuais ao ano em termos de crescimento do produto per capita, o que representaria de 15% a 40% da média de crescimento anual estimado em 3,3% entre 1965 e 1990<sup>21</sup>.

Estudos como este chamaram atenção para o fato de que mudanças na estrutura etária populacional pudessem afetar substancialmente indicadores sócio-econômicos no médio e longo prazos e explicar diferenças de desempenho econômico entre países ou grupo de países. Tendo como base esta perspectiva e seguindo recentes contribuições empíricas sobre o tema, destaca-se na seqüência um conjunto de canais de transmissão pelos quais as mudanças demográficas podem impactar variáveis-chave ao desenvolvimento, como é o caso dos agregados macroeconômicos, dos indicadores de mercado de trabalho, dos gastos públicos em saúde e educação, da criminalidade e da desigualdade de renda<sup>22</sup>.

#### 5.1.1. Agregados Macroeconômicos

Destaca-se inicialmente o impacto da demografia sobre os agregados macroeconômicos. Um canal imediato de transmissão das mudanças na composição etária da população sobre o nível do produto per capita de um país é estritamente contábil. Considerando dois países idênticos em termos de produtividade média por trabalhador, o produto per capita será relativamente maior naquele onde a proporção de pessoas em idade produtiva for superior.

Em segundo lugar, uma consequência imediata do envelhecimento populacional é o aumento da experiência profissional dos trabalhadores, particularmente daqueles mais especializados, o que implica naturalmente no aumento da produtividade média por trabalhador. Estimativas indicam que quando a população de um país atinge a média de

---

<sup>21</sup> ADB (1997) apud. Behrman, Duryea e Székely (1999; p.3).

<sup>22</sup> Esta subseção baseia-se nos trabalhos de Behrman, Duryea e Székely (1999a, 1999b), de Duryea e Székely (1998) e em BID (2000).

idade de 26 anos, este efeito demográfico começa a ser percebido com mais intensidade e aciona uma trajetória ascendente do produto interno per capita.

Por final, a partir do momento em que a média de idade de uma população atinge 20 anos, as taxas de poupança aumentam rapidamente, até alcançarem um máximo em torno da idade média de 33 anos, quando começam a declinar. Uma consequência em potencial derivada deste efeito demográfico e comportamental consiste no aumento da relação de capital por trabalhador, o que tende a acionar, por sua vez, maiores taxas de produtividade por trabalhador.

### 5.1.2. Gastos Sociais

A mudança na estrutura etária da população impacta diretamente não apenas a quantidade de recursos necessários à oferta de serviços públicos, como também a composição desta oferta. Em grande medida, a demanda por educação primária e secundária acompanha a proporção de crianças na população. Do mesmo modo, quando determinadas faixas etárias tornam-se proeminentes, a provisão de serviços de saúde tende a aumentar.

Evidências empíricas mostram a partir de experiências internacionais que, ao aumentar-se a média de idade de uma população, a proporção de gastos com educação primária e secundária em relação ao PIB não varia substancialmente. Por outro lado, dado o efeito demográfico em direção ao envelhecimento, tem-se como contrapartida desta estabilidade o aumento dos gastos em educação por número de estudantes. Estimativas indicam que esta razão aumenta quando a idade média da população ultrapassa 30 anos. Uma consequência deste efeito consiste no aumento futuro da produtividade média do trabalhador, na medida em que se investe mais, em termos absolutos, na educação dos mais jovens.

Com respeito aos gastos públicos com serviços de saúde, ocorre um movimento de outra natureza. Se os países têm uma parcela alta de população muito jovem, os gastos com saúde como porcentagem do PIB tendem a ser também altos – o que estaria de acordo com a caracterização da etapa inicial da transição demográfica, quando as taxas de fecundidade e de mortalidade infantil são elevadas.

Quando a população começa a envelhecer e a razão de dependência infantil cai, os gastos com saúde pública como proporção do PIB diminuem, até atingirem um nível mínimo no ponto em que a população alcança a média de idade de 32 anos. A partir deste momento em diante, com o crescimento da frequência de pessoas mais idosas, os gastos com saúde como proporção do PIB voltam a assumir patamares mais elevados.

### 5.1.3. Mercado de Trabalho, Emprego e Desigualdade de Renda

A partir de estágios mais avançados da transição demográfica, a pressão de oferta sobre o mercado de trabalho tende a diminuir, visto que a proporção de jovens e novos entrantes neste mercado torna-se menor. A queda nas razões de dependência infantil também é um fator que colabora para a mudança de composição na oferta de mão-de-obra, uma vez que aumenta a participação feminina no mercado de trabalho.

Pela ótica do ciclo de vida, desemprego e média de idade apresentam uma correspondência alta, pois indivíduos situados em diferentes faixas etárias têm probabilidades distintas de conseguirem uma ocupação. Taxas de desemprego são mais altas entre os mais jovens, visto que os custos de contratação e demissão ainda são baixos e a rotatividade é elevada. A taxa de desemprego tende a cair na medida em que as pessoas aproximam-se dos 33 anos de idade, quando retoma a trajetória ascendente, refletindo a dificuldade de se conseguir um emprego em idades mais avançadas.

Pelo ponto de vista da remuneração ao trabalho, estimativas indicam que a partir do momento em que uma população atinge a idade média de 27 anos, os índices de desigualdade começam a ser pressionados devido a efeitos demográficos. A explicação para tanto reside no fato de que a desigualdade dentro das coortes usualmente tende a aumentar com o avanço da idade – particularmente quando consideradas pessoas com níveis educacionais muito distintos. Espera-se para os indivíduos com alto grau de especialização, por exemplo, retornos crescentes ao longo do tempo, o que impacta no aumento das diferenças de renda entre os indivíduos de determinada população.

#### 5.1.4. Criminalidade

A demografia constitui-se em um campo importante para a compreensão da criminalidade. A idade é um determinante fundamental na propensão de um indivíduo a cometer um crime, o que implica no fato de que a criminalidade em uma população aumenta com o crescimento relativo de determinados grupos etários. Do ponto de vista qualitativo, mudanças na estrutura etária populacional são acompanhadas por alterações no padrão de criminalidade e tipos de crime.

Estudos sobre a relação entre composição etária e criminalidade apontaram para o fato de que diferenças na frequência de pessoas situadas em coortes mais jovens podem explicar variações em taxas de homicídios. Estimativas indicam que entre 15 e 19 anos de idade as taxas de homicídio atingem o máximo, declinando na faixa etária de 20 a 29 anos e crescendo novamente entre as pessoas situadas no intervalo de 30 a 39 anos – porém, não alcançando o pico verificado entre os jovens de 15 a 19 anos. A partir de então o tamanho da coorte não teria mais impactos sobre a taxa de homicídios<sup>23</sup>.

Do mesmo modo, as evidências empíricas sugerem que em populações jovens a criminalidade tende a ser mais elevada, aumentando quando grupos etários mais jovens tornam-se relativamente maiores na população e diminuindo com o processo de envelhecimento. Neste movimento, a criminalidade atingiria um pico em torno da média de idade populacional de 27 anos.

#### 5.1.5. Seguridade Social e Previdência

Talvez o mais imediato e preocupante impacto das mudanças em curso na estrutura etária no mundo seja a questão da seguridade social – tanto nos países desenvolvidos como naqueles que, embora ainda em desenvolvimento, já observam o envelhecimento da população de maneira muito rápida.

Como prova de que este debate não se restringe apenas aos círculos acadêmicos ou a *policy makers*, mas que se concretiza de maneira arriscada no mundo financeiro, pode-se

---

<sup>23</sup> Ver Morrison e Pagés (1999).

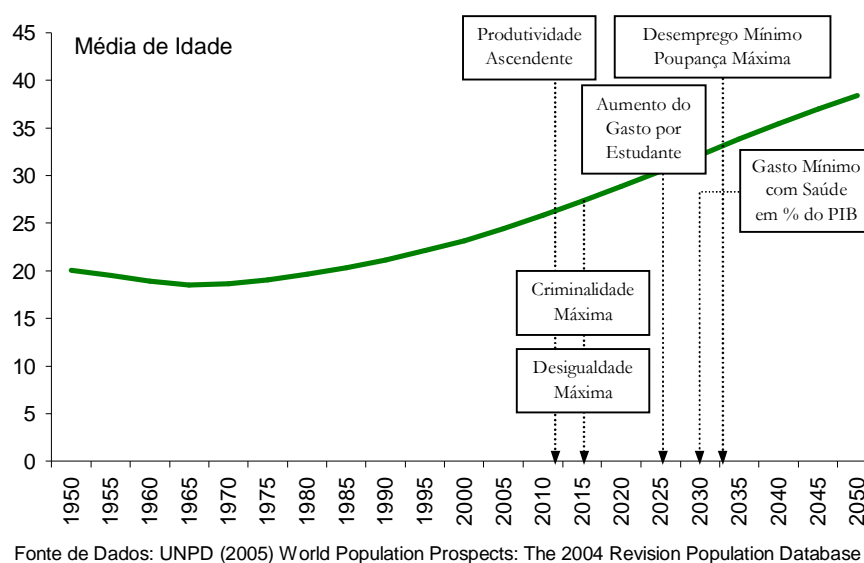
citar um relatório da Standard & Poor's que investigou o potencial de longo prazo de solvência dos países da União Europeia tendo em vista o processo de transição demográfica. De acordo com o texto, *“the sovereign ratings of highly rated European Union (EU-15) members could begin to come under downward pressure by the end of this decade if no progress is made in further fiscal consolidation and structural reform to counter the financial challenges of aging societies. Debt and deficits in most EU-15 member states would soar as public spending on health, pensions, and long-term care escalate, while a shrinking workforce would lead to an erosion of government revenue”* (Std & Poor's, 2002; p.1).

Em muitos dos países em desenvolvimento o problema agrava-se pelo fato de que o envelhecimento populacional avança rapidamente e a capacidade de gerar riquezas e poupança de modo a sustentar a população idosa ao fim da transição demográfica ainda está longe de se consolidar. Dentro de 50 anos a população mundial acima de 65 anos de idade será maior do que o dobro da existente neste momento – este aumento estará concentrado, sobretudo, nos países em desenvolvimento. Mais especificamente, vale dizer que a região que observará ao longo deste período o maior crescimento na frequência desta faixa etária será justamente a América Latina.

## 5.2. Pontos de Inflexão Demográfica na América Latina

Se válidos os números apresentados ao longo desta seção, então se pode dizer que nas próximas duas décadas a América Latina vivenciará pressões demográficas extremas. Em uma década, quando a idade média na região atingir 27 anos, as condições demográficas para se alcançar o máximo da criminalidade e da desigualdade de renda estarão formadas. Em 2030 ocorrerá um momento de gasto mínimo com serviços de saúde como proporção do PIB. Entre 2030 e 2035 prevêem-se condições favoráveis para se atingir o mínimo de desemprego e o máximo na taxa de poupança.

## Pontos de Inflexão Demográfica no Desenvolvimento da América Latina (Tendência de Base: evolução da Média de Idade da População, 1950-2050)



Em síntese, em poucos anos estarão formadas condições demográficas inéditas na América Latina, sendo muitas delas extremamente favoráveis ao desenvolvimento da região – o que complementa e qualifica a idéia elaborada anteriormente de que se abre neste momento uma janela de oportunidades para muitos dos países latino-americanos.

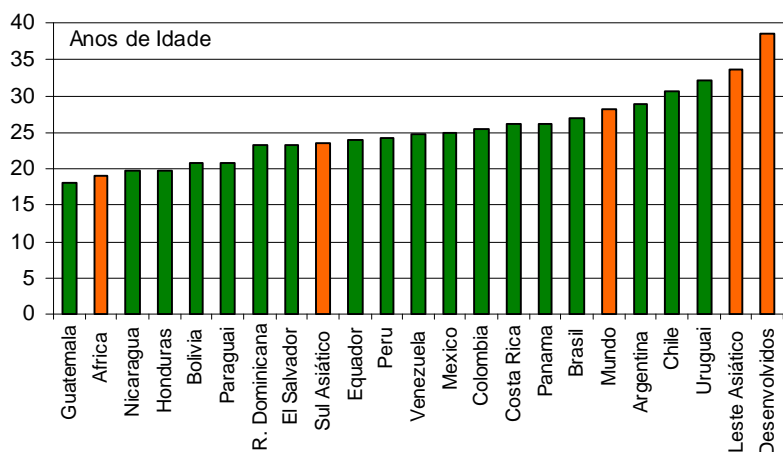
No entanto, deve-se lembrar que existem outras variáveis em jogo e que correm paralelamente às oportunidades que a América Latina encontrará pela frente. Do mesmo modo que a transição demográfica pode *presentear* a região com condições favoráveis ao desenvolvimento, existirá uma conta a ser paga ao final deste processo e que exigirá recursos de grande monta. Se dentro de poucas décadas a força de trabalho e a composição do gasto público jogarão a favor de muitos dos países latino-americanos, no longo prazo a seguridade social poderá encaminhá-los a uma situação de risco.

### 6. Diferentes Transições Demográficas na América Latina

Ao longo deste trabalho a América Latina foi analisada em bloco, de forma estritamente homogênea, não obstante a existência de distintas dinâmicas demográficas entre os países da região. Nesta seção pretende-se, portanto, corrigir a abordagem analítica

anterior de maneira a identificar o posicionamento de cada país ou grupos de países latino-americanos no contexto da transição demográfica. O gráfico a seguir ilustra as diferentes Américas Latinas que existem em termos de idade média da população.

Médias de Idade na América Latina (em 2005)

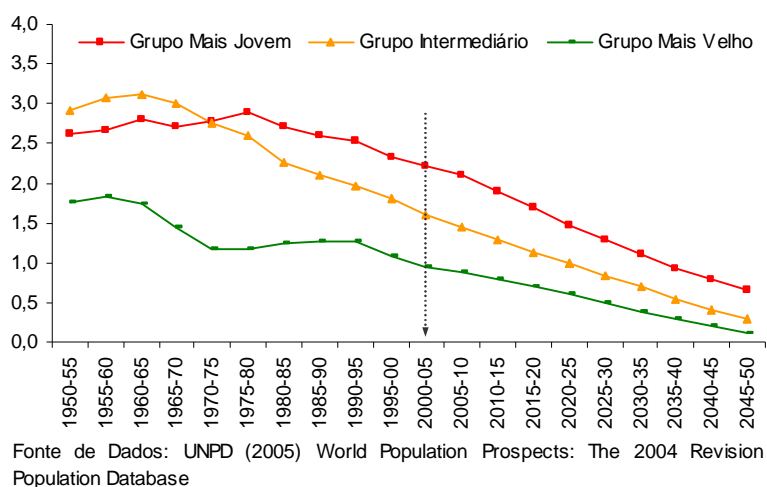


Fonte de Dados: UNPD (2005) World Population Prospects: The 2004 Revision Population Database

Pode-se verificar que embora um grande número de países latino-americanos situe-se entre as médias de idade de 23 a 26 anos, existem exceções que tomam duas direções. De um lado, encontram-se as jovens populações da Guatemala, Nicarágua, Honduras, Bolívia e Paraguai, que em muito se aproximam do patamar etário médio dos países africanos – médias de idade em torno de 20 anos ou inferiores. De outro lado, destacam-se Argentina, Chile e Uruguai, países onde o processo de envelhecimento populacional já está avançado e onde se encontram médias de idade em torno de 30 anos.

Estes números sugerem a análise dos indicadores demográficos da América Latina segundo a agregação de seus países em 3 grupos distintos. Neste sentido, o gráfico abaixo apresenta a evolução das taxas de crescimento populacional ao longo do período 1950-2050 para os grupos de países considerados (i) mais jovens, (ii) de idade intermediária e (iii) mais velhos.

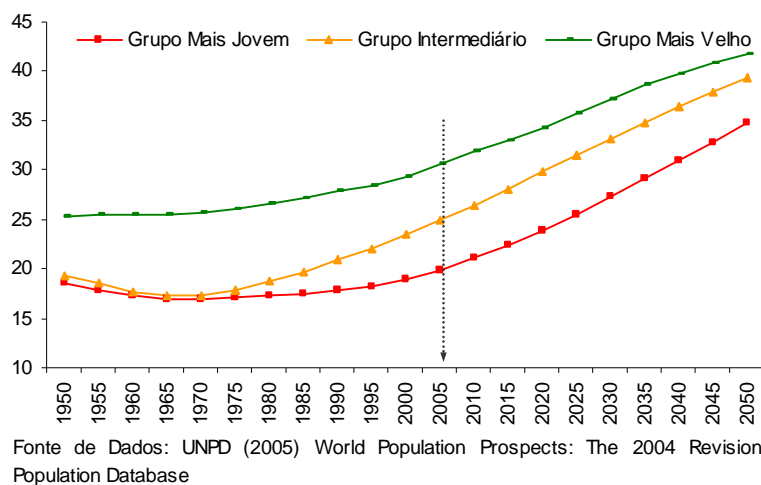
## Evolução das Taxas de Crescimento populacional em Três Grupos de países da América Latina (em anos, 1950-2050)



Pode-se observar que os três grupos de países latino-americanos apresentam dinâmicas demográficas muito diferentes. Nos países denominados mais velhos, as taxas de crescimento estiveram ao longo dos últimos 50 anos sempre abaixo do patamar de 2% ao ano, apontando nas próximas décadas em direção ao crescimento populacional zero. Já o grupo intermediário tem apresentado queda das taxas de crescimento mais acentuada, partindo de níveis em torno de 3% em 1950 e provavelmente atingindo menos de 1% nos próximos 15 anos. Ou seja, será nestes países que ocorrerá as mais fortes mudanças demográficas da região, ao contrário do que vem ocorrendo no grupo dos mais jovens, que até recentemente demonstraram uma trajetória demográfica menos dinâmica.

As diferentes tendências de crescimento populacional na América Latina, por sua vez, têm como consequência distintas transformações na composição etária das populações. O gráfico a seguir ilustra a evolução das médias de idade para os três grupos de países.

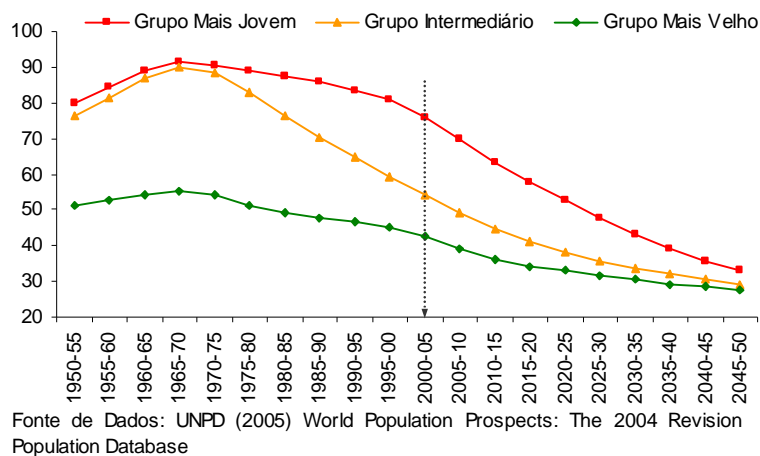
### Evolução nas Médias de Idade em Três Grupos de Países da América Latina (em anos, 1950-2050)



Do modo similar ao observado em relação às taxas de crescimento populacional, a ilustração acima demonstra que a partir dos anos 1970s é possível identificar três trajetórias demográficas distintas na América Latina. Em primeiro lugar destacam-se os países com médias de idade mais avançadas. Neste caso verifica-se uma trajetória ascendente e contínua do indicador, que parte de pouco mais de 25 anos em 1950 e atinge hoje 30 anos. Em segundo lugar, o grupo de países com idades intermediárias observa um processo de envelhecimento muito rápido e aponta para a convergência ao primeiro grupo em pouco mais de 50 anos. Por último, os países mais jovens apresentam praticamente a mesma média de idade hoje quando comparada àquela encontrada há 50 anos atrás.

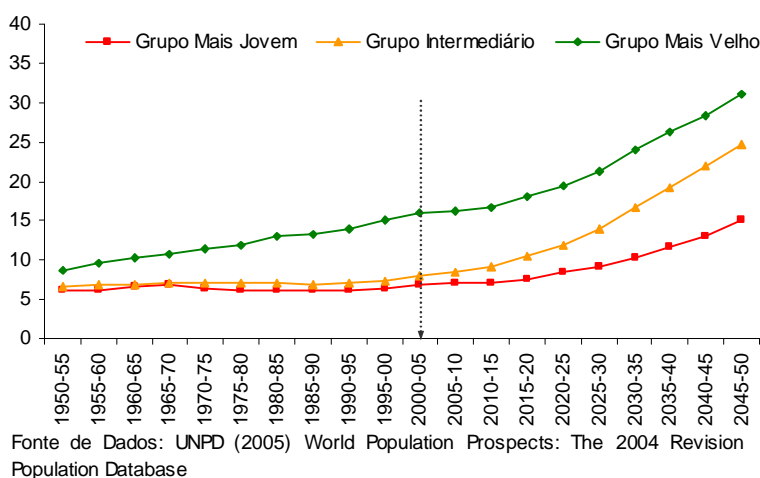
De modo imediato, a variabilidade de dinâmicas populacionais na América Latina com respeito às taxas de crescimento populacional e composição etária reflete-se em razões de dependência muito diferentes. No gráfico a seguir apresentam-se os indicadores de dependência infantil nos três grupos de países em análise. Consistentemente com os últimos dois gráficos, verificaram-se três dinâmicas distintas. Nos países mais jovens, a trajetória ainda sustenta-se em patamares superiores a 70 ou 80 crianças por 100 adultos em idade produtiva. No caso do grupo intermediário, ocorreu nas últimas três décadas uma impressionante queda na dependência infantil. Em 2040 este indicador será aproximadamente 1/3 daquele encontrado em 1970. No grupo de países com idades mais avançadas, a trajetória da razão de dependência infantil tem sido lentamente descendente, atingindo atualmente cerca de 40 crianças em cada 100 adultos em idade produtiva.

Razão de Dependência Infantil em Três Grupos de Países da América Latina (em número de crianças por 100 adultos em idade produtiva, 1950-2050)



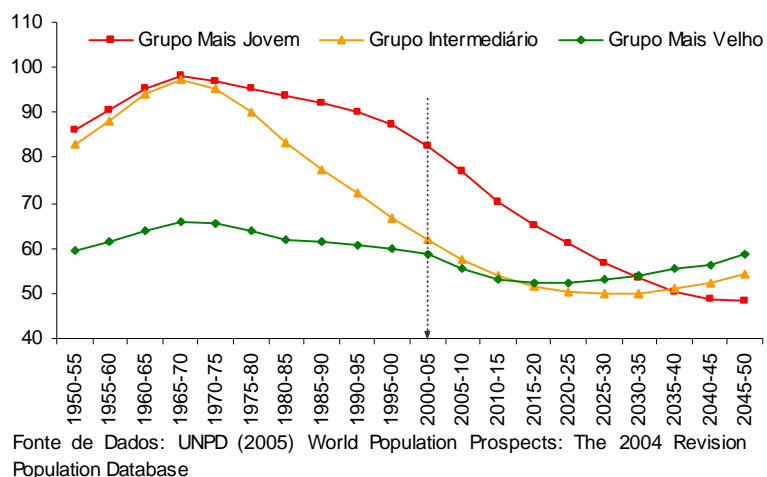
Em relação à razão de dependência dos idosos, o quadro inverte-se. No grupo dos países mais velhos já existe uma trajetória de ascensão relativamente forte do número pessoas com idade superior a 64 anos, por cada 100 adultos em idade produtiva. Atualmente este indicador situa-se para o caso do grupo de países mais velhos na marca de 16, patamar não previsto a ser alcançado pelos países mais jovens sequer em 2050. No caso do grupo intermediário prevê-se um rápido crescimento da razão de dependência dos mais idosos a partir de 2005-2010 e espera-se que este indicador seja 3 vezes superior em 2050 em comparação ao momento atual.

Razão de Dependência dos Idosos em Três Grupos de Países da América Latina (em número de crianças por 100 adultos em idade produtiva, 1950-2050)



Por fim, a interação entre razão de dependência infantil e dos mais idosos sugere que os países da América Latina situam-se em fases distintas do processo de transição demográfica, como fica inequivocamente evidenciado no gráfico a seguir, que traz as razões de dependência total para os três grupos de países.

Razão de Dependência Total em Três Grupos de Países da América Latina  
(em número de crianças e idosos/100 adultos em idade produtiva, 1950-2050)



Existem nitidamente três movimentos demográficos em curso na América Latina. Pode-se dizer que no grupo dos países mais jovens a transição demográfica ainda se encontra ao início da segunda fase, quando as taxas de crescimento populacional começam a ceder e a razão de dependência é ainda mantida alta, porém descendente, em virtude da grande frequência de crianças na composição etária. O ponto mínimo na razão de dependência total ocorrerá somente em um horizonte superior a cinco décadas.

Já em relação ao grupo intermediário o movimento demográfico rumo ao ponto de dependência total mínimo é acelerado, o qual deverá ser atingido nos quinquênios entre 2025 e 2035 ao nível de 50 crianças e idosos para cada 100 adultos. A velocidade de convergência deste grupo de países ao grupo dos países mais velhos tem sido elevada – as duas curvas deverão se cruzar em menos de 15 anos.

Para o grupo dos países mais velhos a transição demográfica é a mais avançada. A razão de dependência total deverá atingir seu ponto mínimo em menos de 15 anos, quando iniciará uma trajetória ascendente, puxada por um rápido aumento da população idosa.

Por final, fica claro a partir das tendências nas razões de dependência total que as distintas trajetórias demográficas na América Latina implicarão na abertura de janelas de oportunidades em momentos diferentes – ou seja, as condições demográficas favoráveis ao desenvolvimento não virão, portanto, temporalmente sincronizadas nos países da região. A tabela a seguir mostra o tempo de convergência necessário para cada país latino-americano atingir os pontos de inflexão demográfica em relação aos indicadores socioeconômicos identificados na seção anterior.

Tempo de Convergência aos Pontos de Inflexão Demográfica nos Países da América Latina (em anos)

	Média de Idade em 2005	Ascensão da Produtividade	Criminalidade Máxima	Desigualdade Máxima	Gasto com Saúde Mínimo	Desemprego Mínimo	Taxa de Poupança Máxima
Guatemala	18,1	30	35	35	45	> 50	> 50
Nicaragua	19,7	20	20	20	33	35	35
Honduras	19,8	20	22	22	35	37	37
Bolívia	20,8	20	22	22	34	36	36
Paraguai	20,8	19	21	21	34	36	36
R. Dominicana	23,3	10	12	12	29	31	31
El Salvador	23,3	9	11	11	27	31	31
Equador	24	6	9	9	29	31	31
Peru	24,2	6	9	9	29	31	31
Venezuela	24,7	4	6	6	28	30	30
México	25	3	4	4	16	20	20
Colômbia	25,4	3	4	4	21	24	24
Costa Rica	26,1	0	2	2	14	16	16
Panamá	26,1	0	3	3	21	24	24
Brasil	26,8	-1	0	0	19	22	22
Argentina	28,9	-50	-45	-45	14	16	16
Chile	30,6	-15	-11	-11	4	8	8
Uruguai	32,1	< -50	< -50	< -50	0	4	4

Fonte: Cálculos elaborados com base em UNPD (2005)

Observam-se, na tabela acima, janelas de oportunidades ao desenvolvimento moldadas pela demografia que surgirão em momentos distintos nos países latino-americanos. Enquanto que serão necessários mais de 50 anos para países como a Guatemala alcançarem o ponto demográfico de desemprego mínimo, restam menos de 5 anos para o mesmo acontecer no Uruguai. Neste país ocorre neste momento um ponto demográfico mínimo de gastos em serviços de saúde como proporção do PIB, enquanto que em quase 10 países latino-americanos isso acontecerá apenas dentro de três décadas.

Finalmente, vale chamar atenção para o fato de que estes números devem ser interpretados pelo ponto de vista de condicionantes demográficos e não como marcas efetivamente pré-determinadas – embora sob certos aspectos os indicadores demográficos possam ganhar força e influenciar decisivamente os indicadores socioeconômicos. É em meio a esta diferenciação sutil que se constitui a relação entre demografia e desenvolvimento, qual discussão será tratada a seguir nos comentários finais deste artigo.

## **7. Comentários Finais**

Este trabalho procurou caminhar sobre a ponte entre demografia e desenvolvimento, uma interseção ao mesmo tempo muito controversa na literatura e pouco debatida na atualidade: controversa em sua origem malthusiana e na atenção sobre o crescimento populacional; pouco debatida em sua fronteira, na importância inequívoca da transição demográfica frente a seus potenciais impactos socioeconômicos.

A demografia pode ao mesmo tempo abrir oportunidades ao desenvolvimento, assim como ameaçá-lo frontalmente. O que torna ambos os caminhos possíveis são processos populacionais lentos e contínuos, que se iniciam há décadas de distância e influenciam condições de longo prazo.

As condições demográficas favoráveis que existem hoje em muitos dos países latino-americanos não são necessárias ou tampouco suficientes ao desenvolvimento – na melhor concepção do termo, são apenas oportunidades, que podem ser ou não aproveitadas.

O problema em não aproveitá-las, contudo, pode ser impositivo e suficiente à obstrução do desenvolvimento da região no futuro. Como em um ciclo de vida, existirá uma conta a ser paga à frente e serão necessários recursos para tanto. A imposição no futuro, portanto, torna-se obrigação no presente.

Neste sentido, aproveitar a maré demográfica que corre a favor da América Latina neste momento significa, em linhas gerais, acumular riquezas o mais rápido e intensamente possível. Para tanto, deve-se prestar atenção particular a temas como taxa de poupança, mercado de trabalho, provisão eficiente de serviços públicos e seguridade social. Pelo

ponto de vista demográfico, estas são incontestavelmente as questões mais relevantes na atualidade a muitos dos países latino-americanos.